

Comunicação na Amazônia: Um Jeito Inovador De Fazer Ciência na Amazônia ¹

Jéssica Ferreira CASTRO²
Nair Santos LIMA³

Universidade Nilton Lins, Manaus, AM

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas práticas de atuação jornalísticas que vêm sendo desenvolvidas por egressos dos cursos de jornalismo, especialmente em comunidades ribeirinhas do interior do Amazonas, na região norte do país, e que contribuem para a difusão da ciência. O percurso metodológico desenvolvido tem por base pesquisa bibliográfica e observação assistemática. O aporte teórico se constitui a partir da leitura de estudiosos da cultura amazônica e da comunicação no Brasil, com ênfase na comunicação comunitária, que se traduz em tornar popular temas científicos, além de questões que atendam às necessidades das comunidades e entrecruze saberes, através dos veículos de comunicação implantados e exercitados pelos próprios comunitários. Os resultados decorrentes desta observação surgem na compreensão de que se torna imprescindível levar conhecimento aos rincões da Amazônia.

Palavras-chaves: comunicação; comunicação comunitária; Amazônia; Ciência.

Introdução

O surgimento do termo comunicação ocorre, pela primeira vez, no contexto religioso e faz referência à prática de partilhar a refeição noturna realizada pelos cenobitas, monges que viviam em comunidade (conventos ou mosteiros). Essa tradição resume “uma prática que recebeu o nome de *communicatio*, que é o ato de ‘tomar a refeição da noite em comum’” (A. Hohlfeldt; L. Martino; V. França, 2014, p. 13). A singularidade dessa ação se dá, não pelo simples ato de “comer”, mas de compartilhar o momento “juntamente com outros”, cuja originalidade imprime a ideia de “romper o isolamento”.

Analogicamente, nesse conceito, percebe-se a mesma significação que Aristóteles atribuiu ao estudo da retórica quando definiu o processo comunicativo, e que serve de base para todos os demais modelos constituídos até mesmo no âmbito das

¹ Trabalho apresentado na DT/IJ – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Nilton Lins- AM, e-mail: castrojhesy6@gmail.com

³ Mestra em Ciências da Comunicação, Universidade Nilton Lins., Brasil. E-mail: nslima1405@gmail.com.

novas tecnologias. Para Aristóteles, a comunicação implica na busca de todos os meios disponíveis de persuasão. Menezes (1973) observa que:

Todos eles são ‘muito assemelhados às antigas descrições sobre retórica, dialética e argumentação que nos vieram sobretudo de Platão, Aristóteles, os estóicos, Cícero e Quintiliano’, e ‘permanece, o clássico esquema tricotômico da comunicação apresentado por Aristóteles: 1) a pessoa que fala; 2) o discurso que pronuncia; 3) a pessoa que escuta’ (MENEZES, 1973, p. 7-15)

Nos estudos da comunicação, a etimologia do termo reivindica uma significação específica que reúna todos os demais conceitos apreendidos dos diversos campos científicos, visto que a comunicação impõe-se na encruzilhada de várias disciplinas e de tantas outras ciências e, embora se reconheça a acelerada evolução dos meios tecnológicos - que tratam de um aspecto importantíssimo da comunicação na contemporaneidade -, ressalta-se que no sentido etimológico o termo cruza todos os demais campos científicos ao apontar para o aspecto humanístico do processo.

Observa-se que, mesmo de modo abrangente, a comunicação não implica práxis social, ou seja, “ela não se confunde com a convivialidade”, (...) “mas um tipo de relação intencional exercida sobre outrem” (HOHLFELDT et al., 2006, p.14). Faz-se necessário, portanto, se pensar epistemologicamente a comunicação, a fim de circunscrevê-la ao ambiente do jornalismo, cujas teorias, além de tão divergentes, primam pela ética e pelo respeito aos direitos da pessoa humana.

Sfez (2000) chama atenção para um interessante fato. De acordo com o autor, “não se fala tanto de comunicação quanto numa sociedade que não sabe mais comunicar-se consigo mesma, cuja coesão é contestada, cujos valores se desagregam, uma sociedade que símbolos demasiado usados não conseguem mais unificar” (SFEZ, 2000, p. 71).

A fim de que se possa aproximar o objetivo desse artigo que é apontar novos caminhos para o exercício da comunicação na região Amazônica e que tem despertado interesse entre estudantes de jornalismo, convém lembrar que alguns fatores contribuem decisivamente para esse viés: de um lado, a pouca oferta de trabalho formal na carreira e, por outro, os conteúdos curriculares que têm-se voltado para as questões regionais e para as possibilidades de intervenção social junto às comunidades amazônicas.

Nesse sentido, divulgar a ciência por meio do jornalismo, voltado para as necessidades das comunidades, torna-se um grande desafio para esses estudantes, os quais passam a perceber as oportunidades que surgem na Amazônia, a partir de uma formação, sobretudo, humanística e menos tecnológica. Para que se entenda o que se pretende atender com a utilização do termo, convém apresentar:

Comunidade: uma dimensão subjetiva

A palavra comunidade, nos estudos sociológicos, possui 94 definições, ou seja, ela pode ser compreendida sob diversos ângulos e usada para representar desde pequenos povoados, aldeias, agremiações e, até grupos étnicos e nações. Além desse amplo espectro conceitual, a expressão comunidade, em sua definição, caracteriza-se pela dimensão subjetiva, embora ela se estruture a partir de um *sentimento comum e de pertencimento coletivo*. A dimensão subjetiva, portanto, se coloca como mais significativa do que outras dimensões, como a da espacialidade, também associada a ideia de comunidade.

O resultado das intervenções tecnológicas, independente dos que acreditam ou não “que a Comunicação Mediada por Computador (CMC) seja capaz de formar ‘comunidades reais’ questionam se essas comunidades *on-line* reforçam ou enfraquecem as conexões *off-line*” (JOHNSON, 2010, p. 45). Uma dessas perspectivas recai sobre o fato de os sujeitos serem os mesmos. Essa questão polarizou-se desde que “o acesso aos serviços *on-line*, *e-mail* e a participação em *chats* é similar à sensação de sentar num café ou num bar para ver quem está lá para conversar” (ibidem).

Com efeito, a comunidade da qual se fala, além do caráter de pertencimento e da espacialidade, carrega significado e insere-se em uma dimensão subjetiva.

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade” (BAUMAN, 2003, p. 7)

Ao pensar nas comunidades amazônicas, Loureiro (2007)⁴ introduz a poesia na linguagem para que ela se constitua numa encantaria de si mesma, e infere que também se faz necessária a violação da linguagem padrão para que a poesia nela brote e transforme-a em poema. Esse olhar poético precisa ser evidenciado nas incursões e ações pela Amazônia, a fim de (re)conhecer as identidades de cada povo.

Na Amazônia, inventamos nossos mitos encharcados de poesia para podermos viver na desmedida solidão de rios e florestas. Mitos de encantados que são o próprio recolhimento da palavra no sagrado dos mitos, até que a palavra se torne, ela mesma, o sagrado que se mostra na poesia (LOUREIRO, 2007, p.32).

Para que se possa adentrar em uma área inserida nos vários campos de conhecimento, buscou-se um recorte que seja definido, em sua base, por aspectos e características semelhantes nos espaços físicos ou geográficos, da Amazônia, para os quais vários projetos sociais já se encontram inseridos. Antes, faz-se necessário apresentar a Amazônia que se pretende lançar luz sobre os múltiplos desafios.

Amazônia

A Amazônia compreende o conjunto dos aspectos hidrográfico, climático, florestal ou ainda o ecossistema múltiplo e diverso. As extensas paisagens e imagens mostradas na mídia, sobretudo aéreas, ainda refletem a “poesia” apregoada pelos primeiros navegadores que cruzaram a região. Entretanto, nos últimos anos, o retrato quase intocado da natureza amazônica passou a refletir um cenário de interesses – os mais diversos -, constituindo-o do reflexo de várias amazônias.

Muitas são as tendências comerciais, os contrastes e a importância ambiental dessa área para a sustentabilidade econômica e climática do Brasil, mas pouco se ouviu sobre a diversidade de povos, de seus habitantes - descendentes de outras raças que aqui fizeram surgir o caboclo, o ribeirinho - e de tantos outros grupos sociais, como os coletores de seringa, castanha e de incontáveis produtos que marcam uma região potencialmente produtiva.

⁴ Disponível em: <https://paesloureiro.wordpress.com/2007/02/13/a-poesia-como-encantaria-da-linguagem/>
Acesso em 04 nov. 2018.

Sabe-se, porém, que a partir da segunda metade do século XX, grandes projetos econômicos começaram a aportar na Amazônia e, com isso, grupos empresariais trouxeram na bagagem um capitalismo moderno que se esparramou por diferentes localidades da região. Na ideologia do lucro o homem amazônico se rendeu à cobiça do ouro, da aquisição da terra e da lavoura do rápido e crescente retorno. Ressalta-se, porém, que nem mesmo no período de formação dos primeiros grupos sociais na Amazônia a natureza se manteve inalterada.

Atualmente as questões abordadas pela mídia concernente a Amazônia tratam de temas voltados ao desmatamento, construções de hidrelétricas e os impactos ambientais causados, além de terras não regularizadas ou devolutas da união, atividades de extração de minérios, entre outros, e, na contramão desse processo, uma trama de saberes é tecida e compartilhada entre 180 línguas nativas e sob a copa de 400 bilhões de árvores.

O modo singular vivenciado pelas comunidades da Amazônia não desperta interesses dos grandes veículos de comunicação, quer seja pela falta de novidade e/ou notoriedade de seus membros, quer seja pela quantidade excessiva de informações em escala global, das quais os veículos se “alimentam”. Desse modo, percebe-se que a história desses povos continua sendo construída de ausências e silêncios que permeiam de invisibilidade suas identidades.

Sob outra perspectiva, pode-se dar visibilidade a essas comunidades da floresta, não mais pela mídia, mas por meio de agentes de comunicação que têm aprendido, exercitado o olhar e ousado na arte de compartilhar histórias, culturas, entrecruzar saberes e, sobretudo, fortalecer cidadãos em seus ambientes sociais. Nesse sentido, campos de possibilidades se projetam e se instituem como espaços de relação e cidadania por meio da comunicação comunitária.

Esse exercício ganha força por meio dos veículos alternativos de alcance comunitário e têm-se observado uma predisposição por parte dos grupos que se veem representados e inseridos nas práticas desenvolvidas pelos profissionais da comunicação.

Comunicação comunitária

De modo particular, comunicação comunitária engloba os veículos de comunicação pertencentes a uma comunidade; “construídos” pela comunidade, com a comunidade e para a comunidade.

Trata-se de uma comunicação que pode ser caracterizada como de pequena escala, também denominada alternativa, popular ou comunitária, mas que se torna expressiva porque está dispersa por todo o País e se multiplica de diferentes maneiras e em diferentes lugares, dentro do Brasil e no mundo (PERUZZO, 2004b)⁵.

A partir dessa definição apresentada por Peruzzo (2004), considera-se que o compromisso de educar e capacitar a população está dentre os mais importantes objetivos da comunicação comunitária, “seja no aprimoramento de seu vocabulário, dos seus conhecimentos, no fortalecimento de valores e também na socialização de novas técnicas e da tecnologia” (PAIVA, 2011).

Esse modelo contempla ainda, formatos diversos e linguagens variadas na utilização dos canais comunitários possibilitando a convivência entre modelos artesanais e até mesmo de meios digitais de comunicação. Para Peruzzo (2004), a comunicação comunitária “é uma comunicação que se compromete, acima de tudo, com os interesses das ‘comunidades’ onde se localiza e visa contribuir na ampliação dos direitos e deveres de cidadania”.

Embora o termo expresse os aspectos artesanais ou mesmo técnicos ou, ainda, tecnológicos de uma prática social, a comunicação comunitária nos remete ao conceito de comunidade, referenciado acima, para o qual, Paiva (2007) destaca a existência de três possibilidades de vida comunitária, qual seja: baseada em laços de parentesco ou consanguinidade; de interesses, sentimentos ou afinidades e de relações de vizinhança ou proximidade. Essas características fortalecem o processo dialógico, isto é, a participação horizontalizada das pessoas que se relacionam com essa comunicação.

A promoção da ciência e os “Repórteres da Floresta”

A promoção da ciência, por meio de projetos que atendam as necessidades de cada comunidade deve contemplar as várias formas e os diversos canais de

⁵ Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/201/196>. Acesso em 04 nov. 2018.

comunicação apropriados a cada comunidade. Nesse processo, jornalistas, especialmente, recém-formados têm desenvolvido projetos de gestão da comunicação vinculados às instituições do Terceiro Setor.

Um dos modelos de projeto sustentável que tem despertado o interesse desses profissionais da comunicação é o “Repórteres da Floresta”⁶, vinculado à Fundação Amazonas Sustentável (FAS) e que tem por objetivo “capacitar jovens repórteres, para que eles retratem a realidade ribeirinha através de diferentes mídias de comunicação”. Vale ressaltar que, o papel que o jornalista desenvolve junto à comunidade é, sobretudo, o de gerenciar os projetos vinculados àquela comunidade, adequando-os a cada necessidade, ou seja, do contexto onde se insere.

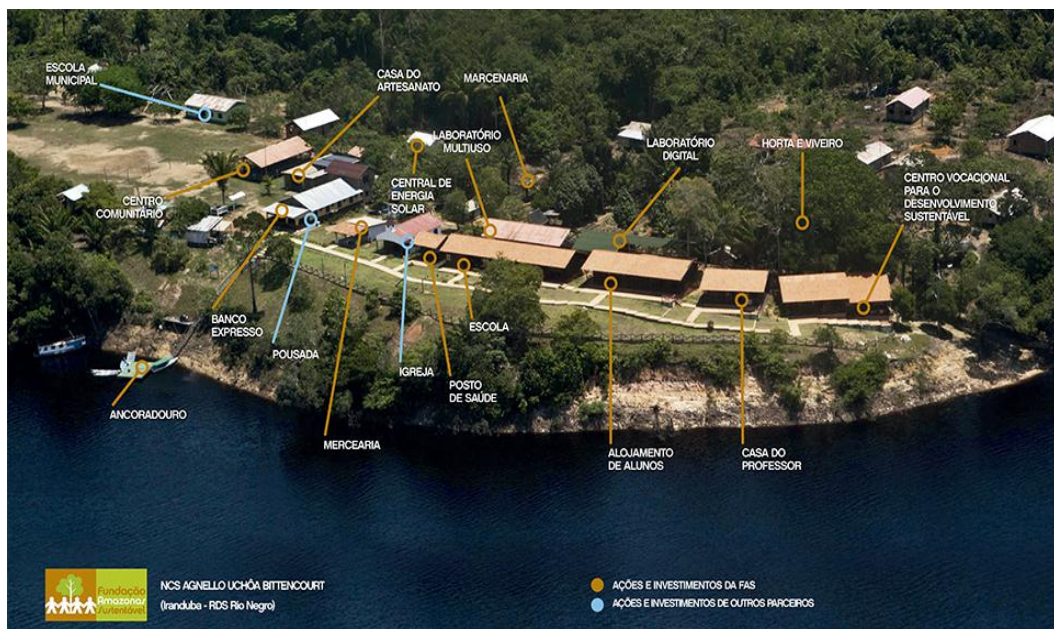


Figura 1: Vista aérea da estrutura da Fundação Amazonas Sustentável.

Fonte: <http://fas-amazonas.org/educacao-na-floresta/nucleos-de-conservacao-e-sustentabilidade-ncss/>.

O “Repórteres da Floresta”, Instituído em 2014 por meio do III Intercâmbio de Saberes recebeu, inicialmente, formação ministrada pela jornalista das rádios Eldorado e Estadão, Paulina Chamorro, a partir de treinamentos destinados aos jovens da comunidade selecionada, dentro de um programa de atendimentos. Na prática, sob orientação de um profissional da comunicação, as ações desenvolvidas na comunidade se replicam pela floresta e já reverberam fora dela.

⁶ Disponível em: <http://fas-amazonas.org/reporteres-da-floresta/>. Acesso em 04 nov.de 2018.

No ano de 2016, alunos de mestrado do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA incluíram em suas agendas um roteiro pelo interior da Amazônia que abrangesse a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro, a fim de conhecer a realidade local das comunidades permitindo “aproximar os alunos das práticas de gestão que são distintas de uma UC (Unidade de Conservação) para outra”.

A viagem, que teve a duração de dois meses, teve início na Reserva Extrativista Rio Unini, que é uma Unidade de Conservação Federal do Brasil, em seguida pelo Parque do Jau, Parque Estadual Setor Norte, Parque Nacional de Anavilhanas e na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro.

Programas destinados a levar conhecimento que contribua para a manutenção da floresta também são apresentados, levam treinamento e são desenvolvidos na região com o objetivo de formar monitores ambientais. É o caso do projeto Pró-espécies que incentiva jovens a identificar fauna e flora ameaçadas no Rio Negro, capacitando-os para a implementação real do monitoramento com verificação de dados, dentre outros.

As atividades gerenciadas pelos jovens jornalistas nesse campo amazônico são apresentadas nas instituições que formaram esses profissionais e tem despertado o interesse de outros tantos que, a partir do conhecimento teórico, da relação com o outro, das culturas em evidência em cada grupo social, se veem representados. A formação da comunidade, por meio das ações desses profissionais, torna-a (re)conhecida e habilitada na defesa de seus interesses e direito de cidadania.

Considerações

.As práticas comunicacionais que vêm sendo executadas na Amazônia por meio de projetos que colaboram com o social, o ambiental e a sustentabilidade têm repercutido e gerado conceitos que permitem que a expressão comunicação comunitária crie novos significados, quando se refere às atividades, as mais variadas, da comunidade, mesmo havendo características próprias de cada meio comunitário. A comunicação comunitária, embora se configure no Brasil no final dos anos 1990 tem se recriado continuamente.

Com raiz na comunidade, esse olhar vem ganhando expressividade e distinção no exercício do jornalismo, que se atualiza e assume diversos formatos. Acredita-se que as motivações para os desafios são toldadas no interesse social despertado e que se faz

presente, sobretudo, nos acadêmicos, nos cidadãos e nas organizações em interferir nos modelos de gestão que estabilizaram e mantêm a desigualdade no âmbito da sociedade.

Não há como negligenciar a realidade imposta ao homem da Amazônia, esquecido às margens dos rios ou das estradas à espera dos caminhos reais de desenvolvimento que, até então, ainda não os levaram aos seus próprios lugares. Espera-se que nessas novas rotas, traçadas à luz da ciência, esses povos possam ter visibilidade, isto é, que sejam reconhecidos politicamente em suas existências e usufruírem da condição de sujeitos portadores de história, uma vez que, no singular estilo de vida que desenvolvem há a transferência de suas práticas culturais e de seus costumes de uma geração à outra.

As possibilidades inovadoras e de efetiva relação que vem sendo construída com estes povos permite que as comunidades sejam munidas de produtos midiáticos apropriados a cada realidade, a fim de desempenharem funções sociais que possam valorizar a cultura, trocar experiências vivenciadas pela ciência, do lugar no qual os sujeitos sociais estão inseridos. A iniciativa interdisciplinar abordada neste artigo destaca o papel da comunicação na promoção da ciência e demonstra que integrar diferentes campos é uma atitude possível e inovadora, ao propiciar principalmente novos olhares e conhecimento.

Espera-se que projetos, cuja vertente seja a comunidade, possam promover um olhar crítico sobre o jornalismo, como também nas práticas e transmissão da ciência e da informação presentes na atualidade e, ao mesmo tempo, considerar alternativas que possam ser executadas na divulgação científica na e da Amazônia. Certamente aqueles que buscam desempenhar a atividade jornalística apreendida no âmbito da comunidade conseguirá exercê-la com maior eficiência.

Referências

A. Hohlfeldt; L. Martino; V. França (orgs.) – **Teorias da Comunicação**. Vozes. Petrópolis, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JOHNSON, Telma. **Nos bastidores da Wikipédia lusófona: percalços e conquistas de um projeto de escrita coletiva *on-line***. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MENEZES, E. Diatay Bezerra de. Introdução. In: **Fundamentos Científicos da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

Paiva, Raquel. **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PERUZZO, Círcia M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da C. (Org.). **Comunicação pública**. Campinas: Alínea, 2004b. p. 49- 79.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães; **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Campus, 2001- 7ª reimpressão revista e atualizada.

SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.